

2.1.4 - O desenvolvimento e os impactos na filha a partir da mãe narcísica: um olhar à luz da Psicanálise.

Janaína Goulart Oliveira e Luiz Felipe Matta Ramos

O desenvolvimento e impactos na filha a partir da mãe narcísica: um olhar à luz da Psicanálise.

J. G. OLIVEIRA (1) e L. F. M. RAMOS (2)

(1) Graduação em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e Tecnóloga em Negócios e Finanças pela Uniban. Pós-graduanda em Psicanálise Clínica pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro. E-mail: ninagoulart08@yahoo.com.br

(2) Filósofo, Pedagogo e Educador Físico. Mestre em Filosofia da Educação e Psicanalista. Coordenador e docente do curso de Licenciatura em Filosofia e coordenador do curso de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica do Centro Universitário Ítalo Brasileiro. E-mail: luiz.ramos@italo.br

COMO CITAR O ARTIGO:

OLIVEIRA, J. G. e RAMOS, L. F. M. **O desenvolvimento e impactos na filha a partir da mãe narcísica: um olhar à luz da Psicanálise.** URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.10, n.3, p.82-106 , jul /2020.

RESUMO

O tema central desse estudo é a relação mãe e filha a partir de uma relação dual entre uma narcísica e as consequências e impactos no desenvolvimento e consequências psíquicas na filha, partir do referencial teórico da psicanálise. Objetivou elucidar os principais aspectos envolvidos na temática dessa relação dual, conferindo o termo de codependência na necessidade da filha satisfazer aos desejos narcísicos da mãe em prol de sua aprovação e do recebimento do seu “amor”, sob os aspectos subjetivos e inconscientes. Buscou-se dessa forma, a contribuição da visão psicanalítica sobre essa relação, contribuições que são ignoradas perante outros campos de saberes e nos quais o sujeito permanece excluído das formulações propostas ou mesmo rechaçados perante o seu comportamento. Através de uma revisão bibliográfica dos principais materiais teóricos e artigos já publicados, ampliar a discussão sobre o tema.

Palavras-chave: Mãe narcísica. Filha. Impactos psíquicos.

ABSTRACT

The central theme of this study is the mother-daughter relationship based on a dual relationship between a narcissistic and the consequences and impacts on the development and psychic consequences on the daughter, based on the theoretical framework of psychoanalysis. It aimed to elucidate the main aspects involved in the theme of this dual relationship, giving the term codependency in the need of the daughter to satisfy the mother's narcissistic desires in favor of her approval and the receipt of her "love", in subjective and unconscious aspects. In this way, the contribution of the psychoanalytic view on this relationship was sought, contributions that are ignored before other fields of knowledge and in which the subject remains excluded from the proposed formulations or even rejected in view of his behavior. Through a bibliographic review of the main theoretical materials and articles already published, expand the discussion on the topic.

Keywords: Narcissistic mother. Daughter. Psychic impacts.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, desenvolveremos o tema da codependência da filha em relação à mãe narcísica. Já a codependência é entendida nesse estudo a partir do sofrimento psicológico, físico, emocional e social da filha que se desenvolveu e convive diretamente com a mãe narcísica. Dessa maneira, os envolvidos também sofrem perante a patologia psíquica, se tornando codependentes dessa relação.

A codependência é um termo relativamente novo. E dessa forma, aborda as pessoas que convivem diariamente com a problemática. No entanto nas relações mãe e filha, há uma dupla busca, a mãe narcísica que transfere seus desejos e necessidade para a filha e essa na sua dependência das satisfações desses desejos enquanto requisito para a obtenção do amor da mãe e evitar o abandono afetivo.

Vários pesquisadores e teóricos buscam identificar e contribuir sobre os aspectos do narcisismo e as consequências nas relações entre a mãe e o bebê. Nesse trabalho analisaremos principalmente as contribuições de Freud, Lacan, Winnicott e Zimerman. Tais teóricos buscam sistematizar um conjunto de fatores que influenciam na vida emocional nessa dupla relação.

Esta abordagem é extremamente relevante na medida em que essas concepções se fazem cada vez mais presentes. Discutir sobre as mesmas, buscar um delineamento teórico contribuirá não apenas em possíveis elaborações de tratamentos, mas também contribuirá na melhor identificação dos sintomas e conseguinte procura da ajuda profissional. Torna-se relevante, uma vez que busca agregar condições

de mostrar que a abordagem psicanalítica pode contribuir enquanto efetividade clínica.

Como hipótese, partimos do princípio que a codependência da filha, além de ocasionar um sofrimento psíquico no indivíduo, também contribui para a manutenção dos comportamentos dessa mãe e consequentemente a ampliação dos aspectos narcísicos nessa mãe.

Como objetivos, buscaremos neste trabalho compreender as consequências de uma relação mãe narcísica e os impactos na vida psíquica da filha. Nesse sentido, buscara explanar os aspectos do narcisismo presente na mãe e discutirá as consequências desse que se retratam nas relações interpessoais e sociais da filha.

Na primeira parte do trabalho, abordaremos a conceitualização do narcisismo, buscando compreender de que forma ela se inscreve na psicanálise, a descrição, seu conceito e sua amplitude. Na segunda parte, focaremos na discussão sobre os aspectos elucidados. Será analisado a pertinência e os reflexos do desenvolvimento infantil sob o seu manto, discutido sobre a validação ou não das hipóteses anteriormente estabelecidas, bem como a contribuição da psicanálise enquanto estratégia para a interpretação dessa relação.

Para atingir esses objetivos, a metodologia empregada foi de uma pesquisa bibliográfica. Foi efetuada a presente pesquisa com a utilização de livros, teses e artigos publicados na área de conhecimento psicanálise, possibilitando dessa forma, responder ao nosso problema: quais as consequências para a vida psíquica de uma filha de mãe narcísica?

2. SOBRE O NARCISISMO

Buscar uma compreensão do narcisismo primeiro leva a questões teóricas em torno de sua definição conceitual. Nas publicações relacionadas que preparam este artigo, o texto narcísico escrito por Silvé Le Poulichet (1989) combina "Lições e Lições sobre 7 Conceitos-Chave da Psicanálise", de Nasio (1989), que é um esforço teórico para demonstrar de forma abrangente o método de ensino dos pensamentos de Id a partir dos escritos de Freud e Lacan sobre o assunto, acompanhado pelos objetivos cronológicos do livro.

Em Roudinesco e Plom (1998) e Laplanche e Pontalis (1988), mesmo considerando a valiosa contribuição de Lacan à medida que o conceito de narcisismo se aprofundava, algumas contradições foram encontradas no modelo conceitual de Freud e as lacunas que ainda existem. Baseado no palco do espelho.

Fachini (1996), depois de ler Bleichmar (1987) e Grunberg (1979), disse que estava insatisfeito com o tratamento até agora sobre o assunto e tentou revelar suas idéias com base na relação entre narcisismo e objetivos da clínica de psicanálise. É verdade que existe uma contradição no narcisismo. No entanto, Freud havia previsto essa contradição e dificuldade, quando admitiu que a existência de um grande estado narcísico é um pressuposto teórico necessário para a construção do conceito de narcisismo secundário, e a lógica secundária é inferida a partir da relação entre pais e os filhos.

O artigo de Freud "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" foi publicado pela primeira vez em 1914. Foi um estudo sem precedentes

Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.3 jul/2020

da psicologia humana e foi movido pelo profundo entendimento da relação entre os seres humanos e eles mesmos e os outros. Portanto, sobre ele, este artigo foi escrito com o apoio dos autores já mencionados, mais para enfatizar sua importância na formação da personalidade e sobrevivência pessoal, do que para tecer um novo entendimento.

Em 1910, Freud introduziu o termo narcisismo no discurso psicanalítico, referindo-se à escolha sexual da homossexualidade na época. Na verdade, naquele ano, ele acrescentou uma nota de rodapé onde enfatizou que "partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe" (Freud, 1905/1972, páginas 145-146).

Segundo Freud (1914/1974), o investimento livre pode atingir diretamente o eu ou o objeto. Quando o desejo sexual é investido em si mesmo, é chamado desejo auto-sexual ou desejo sexual narcísico. Ao investir em um objeto, ele é chamado de desejo sexual do objeto. Para ele, o estágio da infância antes da autoformação era caracterizado por nenhuma relação objetiva. Nesse estágio (considerado objetivo), quando o bebê satisfaz parte de sua força motriz através da área de desejo sexual correspondente, todo o seu investimento em libido será feito em seu próprio corpo. O próprio Freud satisfez esse estado, chamando-o de narcisismo.

No entanto, o principal narcisismo só pode ser mantido pelo amor dos pais e é fortalecido pela "onipotência resultante do encontro entre o narcisismo da criança e o renascimento narcísico dos pais" (POULICHET, 1992, p. 42). . Nesse sentido, Freud lembrou como os

pais mantinham todos os seus sonhos, ilusões onipotentes e onipotentes em seus filhos, mesmo ignorando "o narcisismo é forçado a respeitar e renomeá-lo pelo nome, e a ignorar os costumes culturais ". Alega-se que eles renunciaram a seus privilégios há muito tempo "(Freud, 1914/1974, p. 108). Portanto, de acordo com os desejos dos pais, a criança não sofrerá perdas ou sofrimentos.

Contudo, esse estado celestial perfeito e completo provavelmente será interrompido no sofrimento da criança, e essa dor não aumentará para o status de sujeito. De fato, desde tenra idade, as crianças e seus pais enfrentam demandas ambientais. Gradualmente, a criança perceberá que isso não é tudo para a mãe, ela tem outros interesses. Nas palavras de Poulichet (1992, p. 51), esse entendimento de uma criança é: "[...] prejudica o principal narcisismo da criança. Desde então, seu objetivo é tornar-se amado pelos outros e agradá-lo, Para recuperar o amor, isso só pode ser alcançado através de certos requisitos para auto-ideais".

Portanto, é dessa maneira que a criança entra no segundo estágio do narcisismo, que Freud chama de narcisismo auto-narcísico ou secundário, porque é através do processo de identificação com a imagem dos pais ou de seu representante.

Geralmente, as principais características narcísicas e secundárias narcísicas constituirão uma personalidade e acompanharão o indivíduo durante toda a sua sobrevivência. A criança se reconhece do olhar livre da mãe e se sente amada. A partir de então, todas as suas escolhas e realizações serão baseadas no período em que você poderá desenvolver amor por si mesmo.

Em relação à escolha dos objetos, Freud (1914/1974) escreveu que existem dois tipos de modelos: modelos anaclítico e modelos narcísicos. O primeiro deles, também conhecido como pessoa de contato, toma a mãe como exemplo, porque a mãe ou a mãe que a substitui é seu primeiro objeto de amor. Ele disse que esse amor está diretamente relacionado à satisfação de suas necessidades básicas. Ele chamou outro modo de narcisismo para escolher objetos e se considerava um objeto de amor. Geralmente, essas duas opções de objetos existem entre todas as pessoas, embora em graus diferentes.

Dizemos que uma pessoa originalmente tem dois objetos sexuais - ele e a mulher que cuida dele - isso é feito assumindo que todos têm narcisismo e, em alguns casos, podem mostrar sua escolha de objeto (FREUD, 1914/1974).

Freud continuou argumentando que a escolha de objetos narcísicos se manifesta principalmente em homossexuais e em certos tipos de mulheres. Ele disse que o narcisismo de outra pessoa tornava extremamente atraentes aqueles que desistiam de parte do narcisismo (1914/1974, p. 106). Portanto, ele acrescentou, assim como nos homens, a escolha do tipo de conexão domina, o que explicará por que certas mulheres narcisistas são tão atraentes para eles.

Quanto às realizações pessoais, essas realizações baseiam-se nos ideais próprios estabelecidos pela identidade dos pais, que fazem com que o surgimento do narcisismo secundário substitua o primeiro período de amor da criança. Depois disso, o eu idealizado se tornará objeto de livre investimento, que guiará o desenvolvimento e o fortalecimento do eu.

O narcisismo está intrinsecamente ligado à evolução da escolha e realização de objetos. Outro aspecto da personalidade que o narcisismo produz é a auto-estima. Para Freud, "tudo o que uma pessoa possui ou realiza, e todo sentimento prematuro e onipotente residual que sua experiência provou o ajudará a melhorar sua auto-estima" (1914/1974, p. 115 páginas). Segundo ele, isso também aumenta quando você é amado. Portanto, mostra que a autoestima depende de três aspectos. O primeiro é o remanescente do narcisismo infantil, o segundo vem da realização do onipotente auto-ideal da criança e o terceiro vem da satisfação de satisfazer o desejo sexual do objeto, ou seja, de satisfazer o relacionamento amoroso.

Quando um indivíduo é incapaz de se realizar, ele tende a investir pesadamente na "falta de ego para se tornar idealisticamente superior" (FREUD, 1914/1974, p. 18). Em termos de neuroticismo, seu método de cura, sua condição de felicidade é outra entrada para encontrar "a excelência que ele não pode alcançar" (p. 119).

Freud finalizou seu maravilhoso artigo publicado em 1914, mostrando que, além da importância da pesquisa sobre o narcisismo e sua compreensão da psicologia pessoal, Freud também ofereceu grandes possibilidades para a compreensão da psicologia de grupo . Portanto, abriu uma maneira de expor as relações interpessoais. Pela primeira vez, o amor não é mais o objeto de escritores e filósofos entrando no campo da ciência pela porta da psicanálise.

3 RELAÇÃO MÃE E FILHA: UMA VISÃO WINICOTIANA

A teoria de Winnicott nos fez entender o estágio mais primitivo Desenvolvimento emocional humano. Na sua prática, como pediatra e psicanalista descobriu que a maioria dos problemas emocionais parece ser encontrada a sua origem, está nos estágios iniciais de desenvolvimento. Pode-se dizer que o núcleo da sua pesquisa se concentra na relação entre mãe e filho, porque, para ele, o fundamento da saúde, a mãe molda os pensamentos de qualquer indivíduo na primeira infância, através do ambiente que fornece (WINNICOTT, 1948).

Winnicott (1945) apontou que um aspecto importante deste estudo é a sua Clínica de psicanálise com pacientes psicóticos. Winnicott apontou que, no trabalho clínico, ele não criou uma nova forma de análise, mas ampliou a abordagem clínica de Freud para pacientes psiquiátricos.

Meio Ambiente desempenha um papel decisivo na determinação da psicologia precoce. Trabalhando os dois caminhos estão concentrados e geralmente se cruzam. Um deles diz respeito ao crescimento emocional do bebê, o outro significa Mães, enquanto cuidado para atender necessidades específicas e cuidados maternos (VALLER, 1990).

Ao longo de seu trabalho, fica claro que Winnicott afirmou que não tinha intenção de instruir a mãe como tratar seu bebê, porque ele acredita que toda mãe deve poder cuidar de seus filhos e apontou que ela era apenas devotada (mãe dedicada comum). A palavra dedicação significa certas necessidades do seu filho; necessidades absolutas desde o início (WINNICOTT, 1948, 1952).

Para este autor, o bebê não pode existir sozinho, mas faz parte do bebê a relação. Sempre que encontramos um bebê, encontramos a mãe porque " Se ninguém desempenhar o papel de mãe, estiver presente e não houver um ambiente criado pela mãe no qual o bebê possa evoluir e se desenvolver, o bebê não será considerado em seu potencial de crescimento e maturidade (COUTINHO, 1997).

Na pesquisa infantil, a palavra-chave é dependência. O bebê acabou de começar sob certas condições e no começo, porque as dependências são absolutas. Eles precisam de uma mãe que concorde muito com eles e possa atender às suas necessidades em tempo hábil. O bebê se torna até certo ponto dependente, se as condições são favoráveis, como os cuidados recebidos da mãe, prolongaram a vida útil do bebê, ele experimenta a "continuidade da existência" (WINNICOTT, 1960).

O processo de Amamentação, intervalo de tempo entre as mamadas, certificam-se de estabelecer um registro de continuidade com outro. O modo de segurar, olhar, respeitar por parte da mãe significa para o bebê ser entendido. Podemos chamá-lo de "cosmovisão do bebê" e necessário para o mesmo adaptar-se ativamente ao ambiente materno "(ROSA, 2001, p. 29).

Se mãe for suficientemente adaptável, a salvação de uma criança é dificilmente perturbada por reações de intrusão. Insuficiência materna a longo prazo levada ao estágio de resposta à invasão, a reação interrompeu a "continuação". Para os bebês representam uma ameaça de aniquilamento (Winnicott, 1978). A experiência que afeta o bebê é armazenada em seu sistema de memória, tornaram-se pessoas cheias

de confiança no mundo ou, pelo contrário, falta de confiança no mundo (WINNICOTT, 1999).

Winnicott (1945) apontou o período de seis meses após o nascimento do bebê enquanto o estágio mais crucial na vida do bebê. Referindo-se ao pensamento de Anna Freud, o autor aponta a importância inicial do bebê receber cuidados das pessoas que compõem o meio, um aspecto mais fundamental do que a existência de uma pessoa. Para Winnicott, o primeiro estágio da vida extrauterina é o momento da conquista e a percepção da diferença entre seus aspectos internos e externos.

Portanto, Winnicott mantém essa diferença característica ao mesmo tempo o estágio inicial assume a importância dos seguintes eventos na composição psicológica naquele momento. Ele continua a manter o desenvolvimento emocional antes que o bebê reconheça que é uma pessoa completa, o nome original é clinicamente importante porque é um avanço na compreensão na psicopatologia da psicose.

Winnicott apresentou sua teoria com base em Freud, vendo o nascimento como o momento em que o bebê ainda não reconhece as relações de objeto estabelecidas. É importante destacar o termo em inglês "unware", usado para julgar o desconhecimento dos bebês sobre a mãe enquanto um objeto que é completamente diferente de si mesmo. Esta palavra será usada frequentemente na discussão posterior de Winnicott sobre narcisismo.

Do ponto de vista de que o bebê não sabe que está separado do corpo Maternal Winnicott (1958 [1949]) propôs o conceito de experiência equivalente a "continuar". Para o autor, no recém-nascido os recursos

psicológicos não foram desenvolvidos para entender psicologicamente a sua separação. Portanto, em condições saudáveis, o corpo do bebê está pronto para a intrusão (impingement) durante o processo "persistente continuar a ser".

Sob essas circunstâncias, Interferência não é suficiente para cortar o fio do seu processo pessoal contínuo. No entanto, Winnicott apontou que quando os bebês experimentam dificuldades de treinamento ou complicações durante o parto, "continuam sendo" o indivíduo interrompido por uma longa invasão. No último caso, a possibilidade de nascimento pode ser considerada. O autor aponta: "É possível indicar que o mais importante é o trauma representado pela necessidade de reagir. Reagir neste estágio do desenvolvimento humano significa uma perda temporária de identidade" (WINNICOTT, 1958 [1949, p. 183-184].

3.1 O narcisismo da mãe e a codependência na filha

Portanto, Winnicott chamou sua função materna de "boa mãe comum", enfatizando que a capacidade da mãe de se adaptar ao bebê se deve a narcisismo, e sua imaginação e memórias. Estes últimos elementos com base na identificação de mãe e bebê. Narcisismo proposta por Winnicott, é fazer a mãe adaptar-se às necessidades da criança. Além disso, narcisismo e Identificação revelam uma explicação muito interessante do pensamento Freud: Através do narcisismo primário, a mãe poderia se colocar no lugar do bebê por meio de sua identificação com ele.

É muito comum que os filhos de mães narcisistas se tornem uma pessoa que só quer agradar - essa necessidade geralmente é muito forte no campo do seu desenvolvimento. As razões para essa situação são as seguintes: quando a criança é criada pela mãe, ela se preocupa principalmente com seus próprios problemas, dor e satisfação pessoal, a criança fica à mercê de seu comportamento egocêntrico.

As crianças muitas vezes se perguntam o que aconteceu com ela, porque sua mãe costumava ser infeliz ou insatisfeita. Ela pensaria que, se cumprisse com sucesso as expectativas de sua mãe, obteria o amor que ansiava.

Filhos de pais narcisistas geralmente crescem em um ambiente ocioso, porque são retificados e repreendidos desde a infância. As mães sempre enfatizam os aspectos negativos de seu trabalho. A mãe narcisista nunca ficará satisfeita com a maneira como os outros fazem as coisas.

A mãe narcísica define um alto padrão para si mesmo, e quase ninguém pode fazê-lo. É por isso que as crianças sempre sentem que algo está faltando. Após anos de convivências, a criança pensa que havia cometido o erro, não a mãe. Ela se sentirá desconfortável em suas interações e tentará fazer os outros amá-la, fazê-la gostar e se adaptar às suas preferências, não importa o que elas gostem. Essas pessoas se tornam camaleões reais porque não têm um senso "forte" de identidade. Para uma mãe narcisista, a competição é seu lema, mesmo que ela deva competir com seus filhos, um objetivo melhor é o seu objetivo.

Quando a criança é criada por uma mãe narcísica, percebe que não tem identidade. Durante a infância, mesmo que sua mãe tentasse

lhe dar cuidado e atenção, ela não teve a oportunidade de se expressar de maneira real. A mãe narcisista precisa viver com a criança, de modo que a criança não deve ter pensamentos, valores e sonhos diferentes de si mesma. Não é incomum as mães narcisistas escolherem namorados para as filhas. Se houver um desacordo, essas mães farão com que a criança se sinta inferior. Portanto, a criança precisa ser a criança que a mãe quer que ela seja. Foi assim que ela acabou negando sua identidade criando uma codependência da filha em relação a ela mesma.

A mãe narcisista faz a criança depender dela. Não há diferença óbvia entre a criança e sua mãe, e suas necessidades e expectativas são as mesmas que as de sua mãe. É por isso que a criança cresce pensando que todo mundo pode pedir qualquer coisa a ela, e ela deve obedecer, mostrando um alto grau de codependência. As crianças serão impostas por outras pessoas na idade adulta e se sentirão inseguras quanto à sua capacidade de manter relacionamentos fortes e saudáveis. Filhos de mães narcisistas quase sempre têm medo de serem abandonados e exacerbam a sensibilidade da rejeição.

Como os filhos de mães narcisistas não têm um senso de identidade, eles sempre querem saber como querem viver. Será difícil para eles saber se seu comportamento é aceitável, se sentem adequados e se o que eles querem vale. A insegurança se torna mais estressante ao longo do tempo. Por ser difícil confiar em si mesmos, eles terão dificuldade em confiar nos outros. Em um relacionamento amoroso, será difícil para eles expressar suas necessidades e sentimentos.

Devido a esses obstáculos e às frustrações que causam, essas pessoas podem recorrer ao abuso de álcool e drogas, jogos compulsivos, distúrbios alimentares, parecem gastar dinheiro compulsivamente e sofrer ataques de pânico como mecanismo de defesa de seu sofrimento.

A codependência gera o medo de ser abandonados pelos parceiros, e serem rejeitados faz com que quase todos se sintam desconfortáveis. No entanto, filhos de mães narcisistas desenvolvem dependência anormal e estão fortemente preocupados com o abandono e a disfunção reais ou imaginários na rejeição. Essas pessoas geralmente sofrem de distúrbios de personalidade organizacionais ou limítrofes.

Os filhos de mães narcisistas acreditam que devem sempre agradar a todos. Para fazer seus parceiros felizes e satisfeitos, essas pessoas geralmente ignoram suas necessidades. É comum que eles estabeleçam um relacionamento venenoso e extremamente dependente com um parceiro narcísico, porque os lembram de sua mãe.

De acordo com Lacan (1973/2003) Mães narcísicas devastarão suas filhas. A destruição está ligada ao amor e a sua (possibilidade). Sabemos que Lacan aborda a relação das mulheres na divisão entre o real e simbólico. Nem todo mundo é direcionado pelas leis da castração e da fala, e as mulheres estabelecerão relacionamentos privilegiados com pessoas reais de maneira casual e esporádica. O comportamento devastador que uma mãe pode tornar-se na filha seria uma maneira de incorporar esse relacionamento privilegiado com a realidade.

Desenvolver auto-estima saudável sob o teto da mãe narcisista, torna-se enorme desafio. Contanto que criança tente alcançar o potencial delas leva à divergência de seus interesses, reconhecer suas necessidades e expectativas. Como só pode verificar os interesses da mãe, seus talentos e qualidades únicos serão ignorados. Em caso de a criança demonstrar habilidades que excedem às da Mãe, essas são ignoradas ou rejeitadas. Influenciado pela falha da mãe leal a si mesmo, a criança se torna um escravo O ideal narcisista. Em vez de se afirmar através de suas ações, ela nega a si mesmo e sente insatisfação, vazia e perdida.

O ideal narcisista diz que você é sua imagem, o que você faz e o que você tem. Funcionalmente julgando todos com base em sua própria reflexão a mãe achou que era oco, como um corpo sem alma. Você não é apenas para ser você mesmo, mas você se torna uma pessoa através de estímulos externos. Você entende que o senso pessoal de realização pode passar de fora, pessoas e objetos relacionados a ele.

Para uma filha de uma mãe narcisista, desde muito jovem, a vida é agradar sua mãe intencionalmente ou não - não poupe esforços para satisfazer as expectativas dela. A promessa do amor materno mantém o foco, nada acontece é seu objetivo. A criança vai esquecer o amor por si e pelos outros, a autoestima entrou em colapso e foi destruída na relação. Sempre em movimento, para além das suas conquistas (ZIMERMAN, 2007).

A mãe narcisista não amadurece e não evoluiu emocionalmente. Portanto, esse relacionamento será revertido quando a filha crescer. A filha desempenha o papel de mãe, e a mãe desempenha o papel de

filha. A filha tem um senso de responsabilidade em relação à mãe e sempre terá que atender às necessidades emocionais de sua mãe, caso contrário, ela será responsabilizada. As mães narcisistas costumam culpar seus filhos por sua frustração e infelicidade. Como os narcisistas nunca admitem que são narcisistas, essa é uma cena muito triste e difícil. Eles sempre negam qualquer psicopatologia que possam ter, o que tornará o tratamento mais difícil (ZIMERMAN, 2007).

Quando as crianças eram jovens, elas não sabiam que a maneira como as mães criavam seus filhos era prejudicial e causou danos psicológicos pelo resto de suas vidas. Eles podem até sentir a injustiça da punição excessiva e até perceber que o carinho da mãe pelos outros não é muito cordial. No entanto, somente após a idade adulta eles podem perceber que são criados por uma mãe narcísica. Mas isso não é algo fácil de descobrir (ZIMERMAN, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar os aspectos técnicos e conceituais na clínica atual do narcisismo não é nenhuma tarefa fácil. Exige muito em um misto em termos de cuidados, sensibilidade e ousadia. Cuidados a serem tomados em não antepor algo que ainda está incompleto. Um saber teórico que ainda há a necessidade de aprofundar mais e dessa forma contribuindo para a aprendizagem e a atuação clínica e enquanto prática psicológica frente aos sintomas na clínica atual.

A clínica psicanalítica se estabelece enquanto esperança de que muito ainda há de ser pensado, ainda há ser pesquisado, analisado e contribuído no sentido de que seja possível a organização de um novo saber sobre as novas demandas. É isso que mantém a psicanálise viva. É graças aos novos sintomas, sob os quais a linguagem se apresenta vazia, que nos debruçamos na tentativa de, não criar uma nova teoria, mas ajustar o saber até aqui em prol das subjetividades contemporâneas. Talvez seja essa, a nossa única 'possível' certeza até o momento.

Esse olhar que não enxerga a relação codependente no caso da filha de uma mãe narcísica, mas sim um sujeito por trás dela. Um sujeito que se constitui muito desde o início na sua relação com essa mãe. Um sujeito, perante o qual a psicanálise não subestima, não criminaliza e não negligencia em sua abordagem.

Esse olhar voltado sobre o seu discurso. Discurso esse, compreendido pela psicanálise, que está inserida numa da dimensão psíquica desestruturado, fragmentado e dependente. E através dessas estruturas, mantêm uma relação extremamente particular com a relação narcísica.

É sobre esse discurso, sob diversos aspectos sobre as quais a relação mãe narcísica e os impactos no desenvolvimento psíquico da filha, podem-se inscrever no discurso psicanalítico, e frente as mais diversas manifestações que essa possa se apresentar na prática clínica, que a psicanálise busca elucidar a verdadeira relação entre a estruturação do sujeito e sua relação com o seu desejo. Saber esse, na grande maioria mascarado pela identificação do sujeito enquanto um ser

desejante e apoiado e fortalecido, encontra na psicanálise uma luz para desvendar o mesmo.

Exige uma sensibilidade ao abordar a temática, tendo em vista que estamos frente a um sujeito. Um sujeito que fala. Mesmo sendo uma fala vazia, um discurso que a priori se apresenta dissociado do inconsciente. Exige uma sensibilidade em compreender que essa linguagem ainda se inscreve no inconsciente. Num inconsciente inscrito a partir do real. A realidade desejante e ao mesmo tempo obsoleta.

E por último exige certa dose de ousadia. Ousadia essa, na qual poderemos nos arriscar em dizer que a clínica psicanalítica está na sua fase da adolescência. Motivados através dos conflitos, da rebeldia imposta pelos novos sintomas e de uma nova linguagem, busca se diferenciar das características psíquicas do Pai, mas nunca se diferenciando do seu 'DNA', da sua 'genética', criada e contextualizada pelo seu Pai - Freud.

Nesse sentido, o que se apresenta diante de nós, seja na clínica, na cultura ou mesmo enquanto uma subjetividade contemporânea é uma variedade de possíveis influências sobre a linguagem e desencadeantes das novas sintomatologias, essas sendo desde o discurso capitalista, a globalização dos meios de produção industrial e do saber – a ciência, o condicionamento do real, o desejo supérfluo entre outros. Cabe destacar que ainda há um longo caminho pela frente. Tenhamos cuidado, sensibilidade e ousadia.

REFERÊNCIAS

ABRAM, J. A continuidade do ser. In: _____. A Linguagem de Winnicott. Trad: DEL GRANDE, M. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2000a. p. 238-247.

ARAUJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 34, p. 79-82, dez. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessado em: 11 jun. 2020.

BLEICHMAR, Hugo. **O narcisismo** : estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. 2. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1987. 133p.

COUTINHO, Carlos Nelson. Notas sobre cidadania e modernidade. **Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1: set. 1997.

DESSUANT, P. **O narcisismo**. Trad: SALIBY, R. L. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FACHINI, N. Narcisismo e Clínica. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 19, p. 48-52, set. 1996.

FREUD, S. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 85-119.

_____. [1905]. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII, p. 123-133.

_____. [1910]. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI, p. 53-59.

_____. [1911]. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: _____. **Edição standard brasileira das obras**

psicológicas completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII, p. 15-105.

LACAN, J. (1973/2003). O aturdido. In: **Outros escritos** (pp. 449-497). Rio de Janeiro: Zahar.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 10. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE POULICHET, S. O conceito de narcisismo. In: NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 47-73.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.

ROSA, J. G. (1985). O espelho. In: J. G. Rosa, **Primeiras histórias** (pp. 6572). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1960).

VALLER, E. H. R. A teoria de desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 24 n. 2, p. 155-170, 1990.

WINNICOTT, D. W. (1945). **Desenvolvimento Emocional Primitivo**. In: _____ Através de Pediatria para Psico-Análise: documentos coletados. Livros Básicos, 1975. p. 145-156.

_____. (1948). **Pediatria e Psiquiatria**. In: _____ Através de Pediatria para Psico-Análise: documentos coletados. Nova York: Livros Básicos, 1975. p. 157-173.

_____. (1953 [1952]). **Psicoses e Cuidados infantis**. In: _____ Através de Pediatria para Psico-Análise: documentos coletados. Nova York: Livros Básicos, 1975. p. 219-228.

_____. (1958 [1949]). **Memórias de Nascimento, Trauma de Nascimento e Ansiedade**. In: _____ Através de Pediatria para Psico-Análise: documentos coletados. Nova York: Livros Básicos, 1975. p. 174-193

_____. (1960). **A Teoria da Relação Pai-Bebê**. In: _____ Os Processos Maturais e o Ambiente Facilitador: estudos na teoria do desenvolvimento emocional. Nova York: International Universities Press, 1965. p. 37-55

ZIMERMAN, D. Fundamentos psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2007.